

REVENDO E REVIVENDO OS “TEMPOS BONS”: IMAGENS E TESTEMUNHOS DA ANTIGA SÃO RAFAEL-RN

Francisco das Chagas Silva Souza¹

RESUMO

Em fins da década de 70 do século XX, o semi-árido do Rio Grande do Norte era contemplado com a execução do *Projeto Baixo-Açu* cujo ponto alto foi a construção da barragem Eng^o Armando Ribeiro Gonçalves para acumular 2,4 bilhões de m³ de água. Essa barragem atingiu várias cidades da região, chegando a cobrir totalmente uma delas: São Rafael. Em 1983, a população dessa cidade foi realocada para outra edificada pelo DNOCS. Mais de duas décadas depois, a população de São Rafael usa a *internet* para recordar suas vidas na antiga cidade. Através das comunidades virtuais (*Orkut*) seus habitantes e ex-moradores evocam a memória coletiva, reconstroem sua identidade e tecem a sua história. Ali, além de vídeos, reportagens e testemunhos, estão disponibilizadas centenas de fotografias da antiga cidade, de paisagens, de festas, de reuniões familiares, dentre outros temas, fazendo desse *orkut* uma fonte rica para o historiador.

Palavras-chave: comunidades virtuais, fontes históricas, imagem, testemunho.

1. COMUNIDADES VIRTUAIS E FONTES HISTÓRICAS

O contínuo avanço dos meios de comunicação e das novas tecnologias da informação faz-nos pensar que vivemos numa “aldeia global”. A *internet* amplia as informações, reduz o tempo e encurta as distâncias. As mídias, à sua maneira, produzem conhecimentos, educam, ensinam, informam. Constitui-se uma nova cultura – a *cibercultura* – definida como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (LÉVY, 1999, p.17) Para muitos, tornou-se um imperativo entrar em salas de “bate-papo”, possuir um *e-mail*, participar de *chats*, MSN, dentre outras formas de sociabilidade.

¹ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, campus de Mossoró, doutorando em Educação (UFRN), pesquisador do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM/ UFRN). E-mail: chagas.souza@ifrn.edu.br

Nesse novo cenário, nada mais natural que um indivíduo saia à procura de pessoas nas chamadas *comunidades virtuais* construídas “sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.” (LÉVY, 1999, p.127). Essas comunidades possibilitam conexões entre pessoas que, talvez, nunca teriam a oportunidade de se encontrar, mas que, agora, “batem papo”, discutem e formam teias de relações. A motivação para participar delas é subjetiva, livre e eletiva.

Atualmente, a mais popular dessas comunidades virtuais é o *Orkut*. Trata-se de um *software* norte-americano lançado pelo *Google*, em janeiro de 2004. Visa proporcionar conexões entre as pessoas, incentivando a formação de grupos, tal qual uma organização social. Para fazer parte do *Orkut*, é necessário ser convidado por um membro efetivo. Depois disso, o integrante passa a convidar seus conhecidos que, por sua vez, convidaram outros e assim sucessivamente. O *software* permite ao usuário criar o seu perfil, incluindo fotos, descrição, atributos físicos, detalhes de sua personalidade, preferências, entre outros aspectos. Não há uma separação entre o público e o privado no *orkut*, pois os perfis criados são visíveis a todos os demais membros, que até podem convidar os amigos de alguém a fazerem parte de sua rede pessoal.

O *orkut* permite que as pessoas encontrem outras para compartilhar suas atividades de lazer e interesses em geral, como também para relacionamentos afetivos. Há comunidades *on line* para todos os gostos: desde frivolidades, daí ser visto muitas vezes como “cultura inútil”, até discussões sobre obras de arte, escritores, educação.

Diante dessa realidade e considerando-se que comunidades virtuais como o *orkut* agregam pessoas que têm interesses comuns e que falam de suas vidas cotidianas e sentimentos numa rede de relacionamento cada vez mais extensa, penso que, em muitos casos, as imagens expostas em álbuns de fotografias, os relatos autobiográficos e os comentários feitos pelos *internautas* podem vir a ser uma fonte muito rica para o historiador.

É preciso observarmos que tal posicionamento seria por demais absurdo em outras épocas. O uso das fontes também tem a sua história, visto que os interesses dos historiadores variaram de acordo com as suas trajetórias pessoais e as culturas. Se hoje as pesquisas realizadas a partir de imagens e da oralidade gozam do respeito e da simpatia do público acadêmico, tornando-se uma “moda”, como diz os seus críticos, isso se deve às transformações sofridas pela ciência, em geral, e pela historiografia, em particular, ao longo do século XX. Hoje, é ponto pacífico a concepção de que as fontes escritas também são subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico. Isso significa que não existem verdades puras, destituídas de quaisquer impressões pessoais.

Sob esse novo olhar, escrever ou “fazer” história passa a ter uma conotação diferente do que era convencional para os positivistas. O despertar epistemológico das últimas décadas põe em xeque a validade do *método histórico*, sacralizado pelo positivismo, e os limites entre a verdade e a ficção. O que a história pode produzir são *verdades*, subjugadas aos limites das pesquisas históricas e influenciadas pelo presente do historiador.

Diante desse cenário que permite uma maior flexibilidade com relação às fontes usadas pelo historiador, não há como desconsiderar a importância das imagens e dos conteúdos divulgados pelas comunidades virtuais para compreendermos a multidimensionalidade da condição humana. Para Morin (2006, p.57-58), cada um de nós possuímos um cosmo com multiplicidades interiores, personalidades virtuais, personagens quiméricos, existências reais e imaginárias, obediência e transgressão, balbucios embrionários em suas cavidades e profundezas insondáveis, galáxias de sonhos e de fantasmas, impulsos de desejos e amores insatisfeitos, desgraças, ódios, desregramentos, lucidez, demências.

Se, como afirma Alain Corbin, “tudo que é da ordem da experiência humana é útil para o historiador” (2005, p. 14), por que não nos preocuparmos com as sensibilidades? Por que não substituímos a célebre frase de Leopold Von Ranke “a história faz-se com documentos”, por “a história faz-se com sensibilidades”?

(ERTZOQUE e PARENTE, 2006, p.18) Um ótimo exercício para isso é fazermos uma leitura dos testemunhos e das imagens encontrados em um *orkut* criado para uma cidade norte-rio-grandense que foi atingida por uma barragem, em 1983.

2. TESTEMUNHAS DE SÃO RAFAEL

As décadas de 70 e 80 do século XX marcaram as vidas de milhares de famílias que habitavam o semi-árido do Rio Grande do Norte. Finalmente, depois de muitos estudos e especulações, o governo federal, em 1975, resolveu executar o Projeto Baixo-Açu² e construir a barragem Eng^o Armando Ribeiro Gonçalves, uma das maiores do nordeste. O projeto atingiria os municípios de Jucurutu, Açu, Santana dos Matos, Ipanguaçu e São Rafael.

São Rafael, à época com uma população de 7 mil habitantes distribuídos em 1.557 famílias, recebeu o maior ônus da “chegada do desenvolvimento” anunciado pelo projeto do governo: seria totalmente coberto pelas águas da barragem. Todavia, dizia-se que o sacrifício seria compensado através da construção, pelo DNOCS, de uma cidade nova “dentro dos mais rigorosos critérios de conforto e urbanismo”, para onde deveriam instalar-se as atingidas. A imprensa estava dividida, mas a maior parte dos jornais locais alardeava as *vantagens* do projeto para aquela população. Alertavam os cuidados do governo para com a infra-estrutura da nova cidade. (CARVALHO, 1999; VARGAS, 1987a e 1991)

Contudo, não havia tranquilidade em São Rafael. Apesar das promessas de uma vida melhor e de sonhos que seriam realizados, a insegurança com relação ao futuro predominava. O exílio daquela população não tinha a mínima possibilidade de retorno. Diante de tantas dúvidas e incertezas, os moradores de São Rafael estavam divididos. Para muitos, era como a chegada do fim dos tempos.

² Esse projeto fazia parte de uma política de construções de obras faraônicas posta em prática pelos governos militares no período do auge e crise do “milagre econômico”. Algumas barragens, como a que seria edificada no Rio Grande do Norte, faziam parte da antiga política das águas e visavam “acabar com o atraso” nordestino através do armazenamento de água. Julgava-se, com isso, combater a seca e a fome no semi-árido e trazer o que denominavam de *desenvolvimento econômico*.

Alguns poetas populares apoiavam e divulgavam (ou foram usados para tanto) os benefícios que o projeto iria proporcionar. Outros cantavam os lamentos de um tempo que chegava ao fim e as desesperanças num outro que iniciava. É o caso de Rafael Arcanjo da Costa³. Nas suas poesias, algumas autobiográficas, ele expressou os sentimentos, os lamentos, as dificuldades de adaptação na nova cidade, a ausência do rio, dos roçados e da vegetação nativa. Era o fim de um tempo bom, de farturas, e o início de outro, de pobreza, escassez e sofrimento.

No primeiro semestre 1983, a população migrou para a nova cidade. Da antiga São Rafael, podemos ver apenas a torre da sua igreja, um ponto perdido no meio de bilhões de metros cúbicos de água da barragem, mas também um cartão postal da cidade, uma área de lazer, um espaço da saudade para os mais velhos e um ponto de referência para as gerações atuais.

O caso ocorrido em São Rafael – uma cidade que morreu e renasceu em nome de uma política pública de modernização – mostra-nos que a história humana é uma aventura desconhecida. A experiência que marcou as vidas daquelas pessoas deixa claro que o futuro permanece aberto e imprevisível, e que o progresso, mesmo que seja possível, é incerto. As histórias de vida dos seus moradores evidenciam o fato de que o futuro não é um dado.

Atualmente, uma das formas que a cidade encontrou para reconstruir uma memória coletiva foi o uso das comunidades virtuais. Um são-rafaelense criou um *orkut* para apresentar o potencial turístico da cidade, reunir conterrâneos, amigos e pessoas simpáticas àquele município. Eis a justificativa para isso:

Gente vamos colocar São Rafael no roteiro turístico do nosso estado mostrando suas belezas e criando possibilidade de emprego e renda para a nossa população e o mais importante é evita que os jovens sai de nossa cidade, dando aos jovens capacitação para receber os turistas mostrando as

³ Rafael Arcanjo da Costa (1912-1992) era poeta, cantador de coco e curador, uma das habilidades da medicina popular. Na obra *Beiradeiros do Baixo-Açu: canto e lamento de Rafael Arcanjo da Costa* (1987), VARGAS faz um apanhado das leituras do mundo feitas por esse homem.

belezas da cidade e falando de nossa história pois só desta forma nossa querida cidade irá encontra o desenvolvimento sustentável.⁴

A idéia teve um bom êxito: o *orkut* de São Rafael é um espaço constantemente visitado por pessoas que ali habitam, migraram ou têm curiosidade pela sua história. Os números estão sempre crescendo: há mais de 1.000 participantes com faixas etárias variadas, cerca de 2 mil fotografias (muitas da cidade submersa), vídeos e comunidades criadas com variados fins. Discute-se de tudo: da vida na antiga cidade às festas do fim de semana.

Grande parte das fotografias postadas conta a história de São Rafael (dividida em duas partes: a antiga e a nova cidade), a história política (ex-vereadores e ex-prefeitos), cenas do cotidiano, festas (da padroeira N. Sr^a da Conceição, vaquejada, carnavais, são joões, desfiles cívicos), artes e paisagens naturais. Com o objetivo de denunciar a violência de que foram vítimas há mais de 25 anos, várias fotos mostram a invasão das ruas e da igreja de N. Sr^a da Conceição pelas águas da barragem, a última missa na antiga cidade e as mudanças para a nova. Parece que as escolhas das fotos da cidade antiga tem a intenção de reforçar o mito, muito comum, da existência de um passado melhor do que o presente.

Numa área denominada *depoimentos* alguns são-rafaelenses, que já não residem mais naquela cidade, manifestam o seu amor pela terra natal e relembram os tempos idos, em geral vistos como épocas melhores.

Vejamos alguns destes:

A gente tenta lidar, de uma forma ou de outra, com os percalços da caminhada e descobre sempre uma alternativa para driblar os inconvenientes que surgem, desacomodando a vida. Uma decepção, um desencanto, uma perda, um dissabor. Tudo isso e muito mais, o tempo consegue apagar, silenciar, dissipar. O passar das horas, no relógio da existência, tem um efeito balsâmico e reparador. É medicamento eficaz que ajuda na convalescença de enfermidades variadas. Porém, existe uma contra-indicação: é inútil tentar usar o tempo para combater a saudade. Saudade é imune à ação do tempo. Aumenta à medida em que os dias passam e extrapola para além dos limites dos anos. Existem saudades antigas e saudades novas. Saudades de perto e

⁴ Para manter fiel ao original, não farei revisão ortográfica nos textos extraídos do *orkut* e que serão colocados neste artigo. Também preferi não revelar os seus nomes dos seus autores.

saudades de longe. Saudade de antes e saudades de sempre. Saudade de cadeiras nas calçadas em fins de tarde... Saudades dos amigos de infância... Saudade da noite plena de estrelas, saudades da família... Saudades da minha cidade..... São Rafael....

A se eu pode-se volta o tempo, eu voltaria no tempo e o parava, só para ter toda a liberdade que eu tinha quando morava em São Rafael lá eu pescava, andava de bicicleta sem destino mesmo só pra andar, eu toda noite encontrava quase todos meus amigos e conversava com eles nas calçadas até n ter mais assuntos a tempo bons foram esses, eu era muito feliz e n sabia amo muito essa cidade onde vivie a melhor da minha infância e parte de minha adolescência foi tudo tão bom tomar banho de chuvas maravilhosas aaa tempos bons, por carnavais inesquecíveis por pessoas inesquecíveis enfim por o conjuntos de fatores conhecido como FELICIDADE E É POR ISSO QUE EU AMO SÃO RAFAEL.

Quero gritar para o mundo ouvir, eu amo a minha cidade de origem. E peço a Deus que nunca venha em minha inútil mente o desejo de um dia deixar de amar a nossa querida São Rafael. Por onde ando deixo as marcas de um são-rafaelense! Faço questão de dizer: Sou de São Rafael. Um lugar com uma cultura e duas histórias. Se eu pudesse o mundo inteiro pararia e eu gritaria para todos ouvirem um pouco de nossa brava história de ontem e de hoje. Me emociono só em pensar na cidade. Não sabem, muitos, o quanto me alegro cada vez que retorno a São Rafael, pois é o meu berço. Tenho em São Rafael, familiares, amigos, e principalmente a minha vida. A todos os são-rafaelenses como eu, meu mais sincero agradecimento por tudo e um abraço cheio de muita paz.

O *orkut* dá aos moradores da nova São Rafael uma oportunidade de, no *ciberespaço*, expressarem seus sentimentos, saudosismos, memórias, reencontros, testemunhos e informações sobre uma cidade que já não existe mais. Isso questiona o estereótipo das comunidades virtuais como locais ocupados apenas pela “cultura inútil” e para frivolidades. Os são-rafaelenses mesmo que agora não tenham mais a sua antiga cidade, encontram-se e manifestam as suas emoções e lembranças em um espaço virtual que pode criar e reforçar laços de amizade e de solidariedade.

Em muitos dos álbuns de fotografias disponíveis, encontramos as melhores manifestações daquela população no que se relaciona à história, à memória e às representações sobre a cidade. Por isso, na página principal é declarado que: “Aqui você encontra o maior acervo histórico através de fotos de São Rafael. Isso foi construído através da união dos rafaélenses.” Com tal iniciativa, não podemos deixar de perceber a preocupação daquelas pessoas em falar da sua história como uma forma de reforçar os laços de identidade e projetar um futuro melhor para a cidade.

O cuidado em expor essas imagens lembra-nos as palavras de Le Goff. Para ele, a fotografia é uma das mais importantes expressões da memória coletiva, pois “[...] multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica.” (1996, p.466)

De acordo com Halbwachs (2006) lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. Em outras palavras, a lembrança é construída a partir das práticas sociais e representações do presente. Para ele, a memória “individual” sempre está relacionada à memória do grupo. Portanto, quando lembramos é porque os outros, a situação presente, fazem-nos lembrar.

A fotografia é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. Como ressalta Kossoy (2001, p.75), ela “não é apenas um documento por aquilo que mostra da cena passada, irreversível e congelada da imagem; faz saber também de seu autor, o fotógrafo, e da tecnologia que lhe proporcionou uma configuração característica e viabilizou seu conteúdo.” É por isso que, para Dantas (2003), as fotografias *descongelam* o tempo.

Se sua forma particular de contingência limita-se à finitude e ao *congelar* do instante, de outra parte a liberdade do fotógrafo em decidir o que enquadrar e a criatividade do leitor em *descongelar* tempo, lugar e imagem fazem da fotografia um operador de complexidade, um fragmento capaz de se mostrar por vários ângulos. (p.13)

Esse “descongelar” do tempo é percebido nos comentários sobre as fotos que são postadas, muitas das quais sem identificação dos fotografados. Lembrar os nomes daquelas pessoas torna-se um desafio para os mais velhos. Num dos álbuns encontramos ruas não-pavimentadas, um casario de telhados altos e fachadas simples, sobrados, a antiga Igreja, prédios públicos, a chegada das águas da barragem, a retirada da população, escombros. As lembranças dos internautas são afloradas: “minha casa era aquela azul”, “essa era minha rua”, “brinquei muito aí quando era criança”, “fui feliz

aí”, dizem. O afloramento das lembranças e a volta ao passado, demonstram a validade das palavras de Kossoy:

Com a invenção da fotografia inventou-se também, de certa forma, a máquina do tempo. [...] Viajamos no tempo em direção aos cenários e situações que nelas vemos representados; viajamos no passado e vivemos por instantes essa ilusão documental através de nossas lembranças, de nossa imaginação. (2005, p.35)

O tempo atua modificando ou reafirmando o significado do que foi vivido bem como a representação individual ou coletiva sobre o passado. Ele não permite qualquer previsibilidade do que virá a ser, mas “projeta utopias e desenha com a rede do presente, tonalizadas pelas cores do passado, as possibilidades do futuro almejado.” (DELGADO, 2006, p.34)

Como não poderia ser diferente, em São Rafael vive-se o presente com o peso do passado. O grande número de imagens da *prainha* e da torre da velha igreja, como é chamado o local onde a cidade está submersa, deixa patente uma identificação daquela população com a barragem que destruiu a velha cidade. A fonte do clamor de muitos antigos moradores da “Atlântida do Sertão”⁵ é hoje parte inseparável da memória. Em outras palavras, os dissabores advindos da execução do projeto Baixo-Açu hoje se revestem de outro significado, de outro conteúdo: nas possibilidades de turismo ecológico e histórico e no fortalecimento da identidade a partir do trauma vivido. Ao que parece, aquela população procura se identificar como filhos de uma cidade que foi destruída e reconstruída, uma fênix que renasceu das cinzas, um povo que soube superar a violência que sofreu. A *prainha* tornou-se um espaço da saudade, um misto de “muro das lamentações” e “jardim do Éden”, um lugar visitado por moradores e ex-moradores. A barragem e a *prainha* representam o fim e o começo. O apocalipse e o gênese.

O ato de rememorar a antiga cidade deve ser visto na perspectiva de Walter Benjamin (1994): parte-se de indagações presentes para trazer o passado vivido como opção de busca em relação aos rumos a serem construídos no presente e no futuro. Não

⁵ A imagem de São Rafael como uma “Atlântida do Sertão” é usada pelo cantor e compositor são-rafaelense *Arleno Farias*, numa de suas canções.

se trata apenas de não esquecer o passado, mas de agir sobre o presente. Poderíamos ressaltar aí a capacidade de resiliência daquelas pessoas. Em São Rafael, uma nova ordem surge a partir da desordem, do caos.

É no encontro com seu passado que aquelas pessoas descobrem a energia para enfrentar seu presente e preparar seu futuro, o qual que deve ser complementar, não antagônico, ao reencontro com o passado, pois, como afirma Morin (2006, p.77) “todo ser humano, toda coletividade deve irrigar sua vida pela circulação incessante entre o passado, no qual reafirma a identidade ao restabelecer o elo com os ascendentes, o presente, quando afirma suas necessidades, e o futuro, nos projeta aspirações e esforços.”

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CARVALHO, Jô (coord.). **São Rafael: memória de uma cidade submersa**. Natal: EDUFRN, 1999.

CORBIN, Alain. O prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal. Trad. de Christian P. Kasper. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 49, p. 11-31, 2005.

DANTAS, Eugênia M. **Fotografia & complexidade: a educação pelo olhar**. 2003. 225f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

DELGADO, Lucilia de A. N. **História oral: memória, tempo, identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ERTZOGUE, Marina H.; PARENTE, Temis G. (Orgs). **História e sensibilidades**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KOSSOY, Boris. O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 49, 2005. p.35-42.

_____. **Fotografia e história**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11 ed. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: UNESCO, 2006.

VARGAS, Nazira A. **História que o povo conta: opressão e sobrevivência**. Recife-PE: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1987a.

_____. **Beiradeiros do Baixo-Açu: canto e lamento de Rafael Arcanjo da Costa**. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1987b.

_____. **Barragens: o clamor dos beiradeiros**. 1991. 770f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.